

LVII, 2



UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI
"L'ORIENTALE"

ANNALI

SEZIONE ROMANZA

LVII, 2

L'OSPITALITÀ E L'OSTILITÀ DELLA LINGUA

Numero tematico a cura di

Giovanni Rotiroti

A. I. O. N. Sez. Romanza

2015

€ 18,00

ISSN 0547-2121

NAPOLI
2015

ISSN: 0547-2121

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI "L'ORIENTALE"

Dipartimento di Studi Letterari, Linguistici e Comparati

ANNALI

SEZIONE ROMANZA

Direttore: Augusto Guarino

Comitato scientifico: Yves Bonnefoy, Maria Teresa Cabré, Anne J. Cruz, Giovanni Battista De Cesare, Marco Modenesi, Amedeo Quondam, Augustin Redondo, Raffaele Sirri, Claudio Vicentini, Maria Teresa Zanola

Comitato di redazione: Giovannella Fusco Girard, Paola Gorla, Lorenzo Mango, Teresa Gil Mendes, Salvatore Luongo, Encarnación Sánchez García, Carlo Vecce

Segreteria: Jana Altmanova, Giovanni Rotiroti

LVII, 2

Luglio 2015

Tutti i contributi sono sottoposti alla doppia revisione anonima tra pari (*double blind peer review*).

Gli studiosi che intendano proporre contributi per l'eventuale pubblicazione sulla Rivista possono inviarli all'indirizzo: annaliromanza@unior.it.

Per ulteriori informazioni si invita a consultare il sito:
www.annaliromanza.unior.it.



UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI
"L'ORIENTALE"

ANNALI

SEZIONE ROMANZA

LVII, 2

L'OSPITALITÀ E L'OSTILITÀ DELLA LINGUA

Numero tematico a cura di

Giovanni Rotiroti

NAPOLI
2015

INDICE

INTRODUZIONE:

<i>L'ospitalità e l'ostilità della lingua. Intorno alla testualità e sull'etica della traduzione</i> a cura di Giovanni Rotiroti	pag. 9
--	--------

SAGGI:

Michele Costagliola d'Abele – Giovannella Fusco Girard, <i>Bonnefoy e Petrarca: ascoltare "l'altra lingua a portata di voce"</i>	23
Ileana Marin, <i>Poemele cenzurate ale lui Marin Sorescu în traducere engleză</i>	37
Marco Ottaiano, <i>L'ospite tradotto. Riflessioni sulla titolazione letteraria</i>	53
Camelia Sanda Dragomir, <i>Câteva considerații despre traducerea / transpunerea unui text literar dintr-o limbă în alta. Unde și când se pierde echivalența?</i>	63
Luca Cerullo, <i>Un caso di mediazione culturale, tra storia, politica e affinità intellettuali. La letteratura romena e la Spagna franchista</i>	85
Dan Octavian Cepraga, <i>Brevi considerazioni sulle recenti traduzioni italiane della letteratura romena</i>	97
Pietro G. Beltrami, <i>Ancora sulle traduzioni 'utili' e 'inutili' (a proposito del Roman de la Rose e d'altro)</i>	113
Irma Carannante, <i>Da Englezește fără profesor a La Cantatrice chauve. Traduzione e assimilazione simbolica in Eugène Ionesco</i>	127
Livia Apa, <i>L'albergo della vicinanza</i>	143
Giovanni Rotiroti, <i>Sotto il segno della comunità dei traduttori. Paul Celan, Nina Cassian e la belle saison des calembours</i>	153

NOTE:

- Guia M. Boni, *Traduzir: a lição imperecível dos clássicos* pag. 171
 Camelia Adriana Țuglea, *Maigret și „copiii teribili”* 183

RECENSIONI:

- Paolo Regio, *Sirenide*, a cura di Anna Cerbo, Photocity, Napoli, 2014, 1096 pp. (*Armando Rotondi*) 187
Cristo mi chiama, ma senza luce. Pier Paolo Pasolini e Il Vangelo secondo Matteo, a cura di Roberto Chiesi, Le Mani, Genova, 2015, 144 pp. (*Marco Borrelli*) 191
 Ramón María del Valle-Inclán, *Luci di Bohème*, traduzione di Andrea Campese, Marchese Editore, Grumo Nevano, 2015, 263 pp. (*Daniela Agrillo*) 196
 Manuel Rivas, *El último día de Terranova*, Alfaguara, Madrid, 2015, 280 pp. (*Valeria Cavazzino*) 203
Mujer, prensa y libertad (España 1883-1939), a cura di Margherita Bernard, Ivana Rota, Editorial Renacimiento, Sevilla, 2015, 362 pp. (*Araceli Fernández Galisteo*) 208
 Aristote Kavungu, *Il ne s'est presque rien passé ce jour-là*, L'Harmattan, collection Encres Noires, Paris, 2015, 160 pp. (*Micol Forte*) 211
 Zenobia Camprubí, *Diario de Juventud. Escritos. Traducciones*, Introducción, selección, edición, traducción y transcripción de Emilia Cortés Ibáñez, Fundación José Manuel Lara Ediciones, Sevilla, 2015, 503 pp. (*Ivana Calceglia*) 215
 Fouad Laroui, *D'un pays sans frontières. Essais sur la littérature de l'exil*, Zellige, Léchelle, 2015, 246 pp. (*Serafina Germano*) 220
 Francesco Guicciardini, *Consolatoria, Accusatoria et Defensoria*, édition critique et traduction de l'italien par Florence Courriol, Classiques Garnier, Paris, 2013, 338 pp. (*Lorenzo Battistini*) 224
 Francesca Paraboschi, *Troubles visionnaires, regards impitoyables. Masques et masquages chez Jean Lorrain*, Mimesis Edizioni, Milano, 2015, 336 pp. (*Sergio Piscopo*) 227

ABSTRACT DEI SAGGI

231

GUIA BONI

TRADUZIR: A LIÇÃO IMPERECÍVEL DOS CLÁSSICOS

Un classico è un libro che non ha mai finito di dire quel che ha da dire.

Italo Calvino, *Perché leggere i classici*

- What do you read, my lord?
- Words, words, words.

Shakespeare, *Hamlet*, ato II, cena, II

Pero, con todo esto, me parece que el traducir de una lengua en otra, como no sea de las reinas de las lenguas, griega y latina, es como quien mira los tapices flamencos por el revés, que aunque se veen las figuras, son llenas de hilos que las escurecen y no se veen con la lisura y tez de la haz; y el traducir de lenguas fáciles ni arguye ingenio ni elocución, como no le arguye el que traslada ni el que copia un papel de otro papel¹.

A citação tirada do *Dom Quixote* de Cervantes nos introduz no alvo da questão que queremos enfrentar. A distinção por ele feita entre a tradução “de las reinas de las lenguas, griega y latina” e as “lenguas fáciles”, as quais não pressupõem nenhum talento nem estilo, tratando-se de uma mera cópia², induz-nos a imaginar que exista uma dicotomia in-

¹ M. de Cervantes, *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, II vol., cap. LXII, Cátedra, Madrid, 1998, pp. 503-504.

² Esse paradoxo ligado a cópia foi séculos depois levado às extremas consequências por Jorge Luis Borges no seu conto: “Pierre Menard, autor del *Quijote*”: “[Menard] No

sanável entre as línguas clássicas e as outras. Esta provocação finória vai permitir-nos delinear um *excursus* relativo às reflexões sobre a tradução a partir de Cícero, Jerónimo e Bruni (que se ocuparam todos de línguas “rainhas”) para chegar até Etienne Dolet que, apesar de um certo receio, introduz – num Ocidente ainda avassalado pela cultura antiga – o problema das línguas vernáculas, “non reduictes en art”.

Como veremos, apesar dos séculos decorridos, as reflexões dos antigos não só são ainda atuais, mas possuem uma sobriedade exemplar que atinge, sem demasiados rodeios, o centro da questão. Cícero (I século a.C.), São Jerónimo (séculos III-IV) e Leonardo Bruni (XV século) ainda hoje representam os pilares da tradutologia. Os três traduziram do grego para o latim e traduziram clássicos que consideravam *auctoritas*. O olhar deles é de respeito e admiração pelos originais, mas, ao mesmo tempo, eles têm a consciência de que para levar a mensagem a um público diferente é preciso transformá-la. Não é por acaso que o primeiro verbo utilizado para indicar a tradução em latim seja “vertere”³ – ou “convertere” como diz Cícero –, ou seja “verter”, “virar”, dando automaticamente a ideia de uma metamorfose que atinge os originais para os fazer caber na própria língua. Uma transformação meditada que pressupõe antes de tudo o conceito de interpretação. E também não é casual que São Jerónimo e Leonardo Bruni nos seus escritos escolhem para os respectivos títulos, *interpretatio: De optimo genere interpretandi* e *De interpretatione recta* para evidenciar como nos seus trabalhos de tradução haja uma imprenscondível fase hermenêutica, com a inevitável referência a Hermes, o mensageiro do Olimpo.

1. Cícero, *De optimo genere oratorum*, 46 a.C.

Começemos, portanto, com o famoso trecho de Cícero que abre todas as antologias relativas às traduções: ponto de partida, mas afinal,

queria componer otro Quijote – lo cual es fácil – sino *El Quijote*. Inútil agregar que no encaró nunca una transcripción mecánica del original; no se proponía copiarlo. Su admirable ambición era producir unas páginas que concidieran – palabra por palabra y línea por línea – con las de Miguel de Cervantes”, J. L. Borges, *Obras completas 1923-1972*, Emecé editores, Buenos Aires, 1954, p. 446.

³ Um ensaio extremamente interessante relativo à tradução na antiguidade: M. Bettini, *Vertere. Un'antropologia della traduzione nella cultura antica*, Einaudi, Torino, 2012.

como veremos pela sua ludidez, também ponto de chegada. O trecho é tirado do *De optimo genere oratorum*, escrito em 46 a.C., que é o último dos três tratados dedicados à eloquência e à arte oratória depois do *De oratore* e do *Brutus*. De facto, nesta trilogia temos as suas reflexões a propósito da arte da palavra. *De optimo genere oratorum* foi escrito para introduzir duas suas traduções (*Contra Ctesifonte* de Ésquines e *A oração da coroa* de Demóstenes) que, infelizmente, não chegaram até nós. A partir das traduções de Ésquines e Demóstenes, Cícero quer fornecer exemplos de oratória ática para servir de modelo aos romanos. A tradução como operação literariamente qualificada não existia na antiga Grécia, é em Roma que se apresenta o problema de traduzir para enfrentar os textos gregos, considerados paradigmas de estilo. Cícero encara dois tipos de tradução, ou seja: *interpretatio ad verbum* ou *verbum e verbo* e a *imitatio* ou *aemulatio* que antecipam, mesmo não sendo perfeitamente correspondente, o dualismo da hodierna tradução “literal” vs “literária”. Na sua opinião o campo da *interpretatio ad verbum* é limitado a uma tradução técnica, típica do *interpretes* como afirma ele próprio⁴:

nec converti ut interpretes, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi. Non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam adpendere (V, 14)⁵.

Cícero, como vimos, usa “interpretes” em contraposição a “orator” porque “interpretes” tinha também o sentido de “mediador”. O “interpretes” – cuja origem etimológica está provavelmente ligada a “pretium”,

⁴ Para um aprofundamento da concepção ciceroniana da tradução, v. Paolo Chiesa, *Ad verbum ou ad sensum? Modelli e coscienza metodologica della traduzione tra tarda antichità e alto medioevo*, in “Medioevo e Rinascimento”. Annuario del dipartimento di Studi del Medioevo e del Rinascimento dell’Università di Firenze, I, Leo S. Olschki editore, Firenze, 1987, pp. 1-51.

⁵ M. T. Cícero, *De optimo genere oratorum*, edidit R. Giomini, in *aedibus Herder*, Romae, 1995: “Não mudei [o texto] como intérprete, mas como orador, usando as mesmas frases e as mesmas formas, assim como as figuras e as palavras, conformando-as ao nosso uso. Não estimei necessário restituir palavra por palavra, mas preservar a maneira e a força das suas palavras. Com efeito, não achei conveniente apresentá-las ao leitor enumerando-as, mas sopesando-as”. (Tradução minha).

preço, valor⁶ – desenrolava o seu papel nos negócios, tendo a função de fazer chegar as partes a um compromisso. Portanto a sua competência estava essencialmente ligada à exatidão, à nitidez das palavras. Esta é a razão pela qual Cícero se recusa a traduzir como um mediador de negócios (“*nec converti ut interpres*”) ao qual associa a locução “*non verbum pro verbo*”, “palavra por palavra”, mas exhibe uma tradução “*ut orator*”. E acrescenta não ter contado os termos – reforçando a negação do “palavra por palavra” –, mas ter escolhido, avaliado o peso semântico de cada um, sopesando a sua força (“*vis*”) e a sua capacidade de persuasão. Naquela época ainda não existia uma palavra para indicar o tradutor “literário” que cabia ainda na categoria dos oradores, sendo a finalidade das traduções de Cícero de tipo retórico.

O princípio por ele exposto ainda hoje é válido porque a tradução exige atenção ao pensamento e ao estilo, mas não subordinação à palavra. Na verdade, há mais um elemento a destacar: a figura do leitor, para quem Cícero sente a necessidade de justificar as suas escolhas: “*lector in fabula*” como diria Umberto Eco. Consciente da sua responsabilidade, Cícero abre o diálogo com o público que é informado da escolha efectuada. Num outro trecho da mesma obra, Cícero argumenta que realizou estas traduções, não para si mesmo, não tendo necessidade disso, mas para que servissem de exemplo aos oradores. O tradutor-mensageiro, consciente da própria generosa função, parte daqui: gosto da divulgação, mas sobretudo o deleite de dividir o prazer da leitura. Opção possível porque o público a que ele se dirige é culto, bilíngue, perfeitamente a par de ler e entender o original grego e de saborear uma tradução realizada no sentido da retórica.

O quadro histórico muda completamente com o segundo autor. Entre os séculos II e IV o grego torna-se uma língua sempre menos conhecida e a tradução passa a ser uma etapa inevitável. Paralelamente, começam a difundir-se as versões dos textos bíblicos. E frente a estes dois tipos de obras, religiosas e profanas, um tradutor como Jerónimo, que encara os dois, adquire a consciência da necessidade de uma diferente aproximação, como manifesta na celeberrima carta a Pamáquio.

⁶ M. Bettini, *Vertere*, cit., p. 96.

2. São Jerónimo e o seu *De optimo genere interpretandi*

Não só no corpo do texto, mas já no título, a referência à obra de Cícero (*De optimo genere oratorum*) é explícita. Trata-se de uma epístola endereçada por Jerónimo ao amigo Pamáquio (*Epistolas*, LVII), na qual o autor se defende de algumas críticas relativas a uma carta por ele traduzida. Agora não interessa entrar no vivo da questão, mas determo-nos na sua defesa porque foi acusado de “falsarius” simplesmente por não ter traduzido palavra por palavra: “me verbum non expressisse de verbo”⁷. Para chegar à celeberrima frase: “Ego enim non solum fateor, sed libera uoce profiteor me in interpretatione Graecorum, absque scripturis sanctis ubi et uerborum ordo mysterium est, non uerbum e uerbo, sed sensum exprimere de sensu. Habeoque huius rei magistrum Tullium”⁸.

Jerónimo, portanto, reproduz *mutatis mutandis* na sua defesa os conceitos elaborados por Cícero. E a partir de exemplos tirados dele, sublinha a diferença entre as línguas e salienta que uma tradução literal não é aconselhável, mas é preciso adaptar o significado ao molde linguístico que o acolhe para não banalizar ou prejudicar o original.

A carta dirigida a Pamáquio, bastante longa, é constituída por 13 parágrafos. Depois da introdução, o autor começa a narração do seu caso e nos parágrafos 5 e 6 entra no vivo da questão das traduções, apresentando um primeiro elemento para sua defesa: um erro de tradução não pode ser considerado um crime (“possit errore habere, non crimen”⁹), seguem exemplos tirados de Cícero, Horácio e de autores como Terêncio, Menandro, Plauto, Cecílio, os quais, traduzindo, tentaram sobretudo preservar a graça e a elegância dos textos (“decorem magis et elegantiam in translatione conservant”¹⁰). Mas o elemento

⁷ Cito o texto de São Jerónimo na edição de Edoardo Bona, *La libertà del traduttore. L'epistola de optimo genere interpretandi* di Gerolamo, testo latino, introduzione, traduzione e note, Bonanno editore, Acireale-Roma, 2008, p. 74.

⁸ *Ibid.*, pp. 76 e 78. “Eu com efeito não só declaro, mas proclamo em voz alta que traduzindo os gregos, salvo as sagradas escrituras, onde a disposição das palavras é uma verdade de fé, não traduzo palavra por palavra, mas significado por significado. E tenho por mestre supremo Tullius”. (Tradução minha).

⁹ *Ibid.*, p. 76.

¹⁰ *Ibid.*, p. 78.

mais difícil são as características familiares da língua que, quando traduzidas ao pé da letra, se tornam absurdas (“vernaculum linguae genus: si ad verbum interpretor, absurde resonant”¹¹), mas se o tradutor tiver a ousadia de mudar algo será acusado de ter abdicado do seu ofício (“ab interpretis videbor officio recessisse”¹²). Na sua defesa, Jerônimo focaliza portanto o problema da tradução, ainda hoje por resolver, espírito ou letra, onde a hermenêutica e a experiência do tradutor jogam um papel fundamental. E repete que desde a juventude nunca se limitou a reproduzir a palavra, mas o espírito (“me semper ab adulescentia non verba, sed sententias transtulisse”¹³). Os restantes 5 parágrafos são dedicados a uma série de exemplos tirados dos textos sagrados para enfim chegar à tradução condenada da sua carta e ilustrar e defender-se das críticas, citando exemplos tirados dela. Há dois elementos a realçar: o primeiro, relativo ao aspecto prático e não simplesmente teórico da tradução. Depois de ter explicado o método por ele adotado, passa a apresentar vários exemplos ilustres para esclarecer o seu critério. O segundo, mais revolucionário, reside na reivindicação da liberdade do tradutor e das suas escolhas. Uma liberdade postulada pelos conhecimentos do tradutor, pela sua capacidade de interpretar e de fazer passar a mensagem sem causar prejuízo ao original mas tampouco à língua de chegada. Jerónimo realça a sua experiência ventenar (“ante annos circiter viginti”¹⁴), o que não significa a infalibilidade do resultado, mas é preciso distinguir – como já afirmara ele próprio – entre erro, que é humano, e delito. E delito, vice-versa, seria o mau gosto correlato à tradução literal, em nome de uma suposta “verdade”, enaltecida pelos detratores da tradução do sentido: “sensus exprimere de sensu”. Como Cícero, antecipando de séculos a teoria da recepção, também Jerónimo, tem em vista o público e o prazer da leitura dum tradução literária que saiba ter respeito do original mas também da língua de chegada e do público, tendo presente que a tradução é antes de tudo questão de equilíbrio, de proporção, de exata distribuição entre as partes.

¹¹ *Ibidem.*

¹² *Ibidem.*

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ *Ibidem.*

As traduções na época de Jerónimo começam portanto a desempenhar também um papel social, ulteriormente enaltecido, séculos depois, durante o Humanismo.

3. Leonardo Bruni, *De interpretatione recta*, 1420-1426

Célebre humanista, Leonardo Bruni foi um tradutor esmerado. O seu intento era elevar culturalmente a sua época, reintroduzindo os clássicos como Platão, Aristóteles, Plutarco, Senofonte, Demóstenes etc.

A ligação com os dois autores antes citados é ratificada pelo próprio Bruni, quando os menciona no final do seu trabalho, tomando-os como ilustres precursores¹⁵. Mas comecemos pelo título: *De interpretatione recta*, onde a palavra “interpretatione”, como já acontecia com Jerónimo, é sinónimo de tradução, embora tenha sido o próprio Leonardo Bruni a utilizar pela primeira vez o termo tradução¹⁶ e seus derivados, depois passado na maioria das línguas românicas. E também é preciso assinalar que no título o autor não emprega o superlativo absoluto “ótimo” como Cícero e Jerónimo (*De optimo genere oratorum*, *De optimo genere interpretandi*), mas, consciente de que talvez esse adjetivo seja dificilmente aplicável à tradução, opta por “recta” ou seja correta.

Jerónimo escrevera a sua carta para se defender de queixas relativas à sua maneira de traduzir, vice-versa Bruni legitima o seu texto em resposta às acusações de ter sido demasiado violento nas suas críticas ao tradutor da *Ética* de Aristóteles. Mas o que interessa afinal é a sua tentativa de estabelecer um método, assente na própria experiência e na carência dos outros. A aquisição da filologia – na esteira da hermenêutica filológica de Lorenzo Valla (1407-1457), baseada na ideia da historicidade da linguagem – com que Bruni enfrenta os textos a traduzir, representa um ulterior progresso no âmbito da tradução. A tradução tornou-se um elemento imprescindível do humanismo: a redescoberta dos clássicos, através da vulgarização em latim, é uma etapa fundamental

¹⁵ [46] “Quod autem non aliene sint reprehensiones mee a consuetudine doctissimorum hominum, et Hieronymus et M. Cicero probant”, todas as citações são tiradas de Leonardo Bruni, *Sulla perfetta traduzione*, a cura di Paolo Vitti, Liguori, Napoli, 2004, p. 122.

¹⁶ [5] “traducatur”; [11] “traducere”; [13] “traductionibus”...

na tomada de consciência de uma nova maneira de enfrentar a vida cultural e política, de ampliar os horizontes e enriquecer a cultura. A tradição clássica é um legado demasiado importante para ser deixado aos cuidados de traduções desleixadas. Tratando-se de uma tarefa extremamente difícil e cheia de responsabilidades (“Magna res igitur ac difficilis est interpretatio recta”) é preciso estabelecer algumas regras. Bruni é o primeiro a individuar uma série de ferramentas indispensáveis ao bom tradutor e portanto apresenta as perícias necessárias. Todos estes elementos continuam sendo hoje atuais e a modernidade deles assenta na ideia de que para traduzir é fundamental a cultura e que, não se tratando de uma operação mecânica, é essencial mergulhar no mundo alheio para o tornar nosso. O método estabelecido por Bruni, apesar de ser baseado na passagem do grego ao latim, resulta facilmente aplicável a qualquer língua, como vai fazer Etienne Dolet um século depois. Vejamos rapidamente estas características fundamentais:

1. O conhecimento da língua do original¹⁷. Sendo o grego uma língua riquíssima, o tradutor tem de se melhorar com a leitura de diferentes autores para perceber todos os matizes linguísticos.

2. O conhecimento da própria língua¹⁸ que o tradutor deverá ter em sua posse, dominar completamente para não ficar transtornado e sobretudo não deixar palavras em grego por ignorância. Para evitar o problema é preciso ler e imitar os melhores escritores.

3. A elegância do estilo e a doutrina¹⁹ devem ser preservadas e portanto é necessário que o tradutor tenha um bom ouvido para reproduzir a musicalidade do original.

¹⁷ [10] “Sit igitur prima interpretis cura linguam illam, de qua sumit, peritissime scire, quod sine multeplici et varia ac accurata lectione omnis generis scriptorum numquam assequetur”, *Ibid.*, pp. 82-3.

¹⁸ [11] “Deinde linguam eam, ad quam traducere vult, sic teneat, ut quodammodo in ea dominetur et in sua totam habeat potestate; ut, cum verbum verbo reddendum fuerit, non mendicet illud aut mutuo summat aut in greco relinquat ob ignoratiam latini sermonis”, *Ibidem*.

¹⁹ [12] “Et insuper ut habeat aures earumque iudicium, ne illa, que rotunde ac numerose dicta sunt, dissipet ipse quidem atque perturbet. Cum enim in optimo quoque scriptore, et presertim in Platonis Aristotelisque libris, et doctrina rerum sit et scribendi ornatus, ille demum probatus erit scribendi ornatus, ille demum probatus erit interpres, qui utrumque servabit”, *Ibidem*.

4. Individualizar e reproduzir o estilo²⁰ porque cada autor tem a sua peculiaridade.

5. E finalmente, talvez a tarefa mais subtil, a capacidade de se identificar na *mens* do autor²¹.

Estas cinco regras, apesar de serem relativamente poucas, podem ser resumidas numa única palavra: erudição. Afinal Bruni pede ao tradutor uma competência que roça a impossibilidade porque o tradutor deveria, segundo esses preceitos, ser praticamente um novo autor. E, com efeito, ele compara este ofício ao dum artista quando estabelece o paralelo entre o tradutor e o pintor – atualizando de certa maneira o “*ut pictura poesis*” de Horácio – ou melhor quem reproduz uma pintura. Como este último tem de tirar do modelo a estrutura, a posição, a forma; da mesma maneira o ótimo tradutor “*interpres optimus*” – notemos de passagem o uso de “*optimus*” que não foi adotado no título – deslocar-se-á para o “primeiro autor” com todo o espírito, a alma e a vontade e transformar-se-á, tentando exprimir da obra a estrutura, a posição, a cor e os traços. A metamorfose que aparecia no conceito expresso pelo verbo “*vertere*” – “*verter*”, “*virar*” – da época de Cícero ocorre de novo nas palavras de Bruni. Mas enquanto no passado era o texto traduzido a ser uma metamorfose do original aqui é o tradutor a se metamorfosear, a ir ao encontro do texto para se tornar autor – segundo autor – numa outra língua.

A lição dos antigos permanece ainda atual. O tradutor é um mensageiro avisado, como Hermes, tem o livre-arbítrio: “*verbum pro verbo*”, “*sensum exprimere de sensu*”, tradutor e autor não se opõem, mas se completam, como demonstra Leonardo Bruni que, na elaboração do seu método, confia sobretudo na filologia, na reconstrução histórica da lin-

²⁰ [14] “*Nam cum singulis fere scriptoribus sua quedam ac propria sit dicendi figura, ut Ciceroni amplitudo et copia, Sallustio exilitas et brevitatis, Livio granditas quedam subaspera: bonus quidem interpres in singulis traducendis ita se conformabit, ut singulorum figuram assequatur*”, *Ibid.*, pp. 84-85.

²¹ [13] “*Ut enim ii, qui ad exemplum picture picturam aliam pingunt, figuram et statum et ingressum et totius corporis formam inde assumunt nec, quid ipsi fecerent, sed, qui alter ille fecerit, meditantur: sic in traductionibus interpres quidem optimus sese in primum scribendi auctorem tota mente et animo et voluntate convertet et quodammodo transformabit eiusque orationis figuram, statum, ingressum coloremque et liniamenta cuncta exprimere meditabitur*”, *Ibidem*.

guagem. Inaceitável um trabalho servil, desprovido de invenção, mas é a consciência da recriação, com todas as responsabilidades que prevê, a conduzir o tradutor.

Até aqui vimos três autores que enfrentaram a tradução do grego para o latim. Mas um século depois de Leonardo Bruni, Etienne Dolet estende as mesmas regras às línguas vernáculas.

4. Estienne Dolet, *La maniere de bien traduire d'une langue en aultre*

Etienne Dolet, humanista – autor do *Dialogo de imitatione ciceroniana* –, filólogo – seus os dois volumes *Commentatoriorum linguae latinae* –, editor, publica, entre outros, Rabelais e Marot et o Novo testamento em latim. Representante daquela classe erudita que tinha a Europa por pátria, estuda em Paris, Pádua e Veneza, escreve em francês *La maniere de bien traduire d'une langue en aultre* (1540)²² dirigindo-se a um público ainda mais vasto com o intento de enaltecer a própria língua: “Car je scais que quand on voulut reduire la langue Grecque, et Latine en art, cela ne fut absolu par ung homme, mais par plusieurs. Ce qui se faira pareillement en la langue Francoyse: et peu a peu par le moyen, et travail des gens doctes elle pourra estre reduicte en telle perfection, que les langues dissus dictes”²³. Ele, como Bruni, já não fala de ótima tradução, mas prefere “bem traduzir”. O seu projeto, como explica no próêmio, era mais grandioso, mas afinal publica em 1540 uma obra de poucas páginas onde enfrenta também a tradução. A exposição é rápida e exata. Para a tradução ele propõe cinco regras – como Bruni que aliás menciona na carta dedicatória – que resumo brevemente: 1) capacidade hermenêutica do tradutor; 2) perfeito conhecimento da língua do original e igual excelência na própria; 3) censura duma tradução literal que demonstra a ignorância do tradutor; 4) quando se traduz do latim para outras línguas “non reduictes en art”, ainda não artísticas, é melhor evitar o recurso a

²² *La maniere de bien traduire d'une langue en aultre. D'advantage. De la punctuation de la langue Francoyse. Plus. Des accents d'ycelle. Le tout faict par Estienne Dolet natif d'Orleans, A Lyon, chés Dolet mesme. M. D. XL., gallica.bnf.fr.*

²³ *Ibid.*, p. 4.

demasiados latinismos e manter uma língua comum; 5) conservar o ritmo do original.

No texto de Dolet encontramos de novo as normas determinadas por Bruni, mas a passagem fundamental é que já não se fala de línguas clássicas, mas de línguas nacionais. Dolet demonstra-nos que os preceitos estabelecidos no longo dos séculos não mudam porque mudam as línguas e portanto ainda hoje podemos considerá-los atuais. Ao mesmo tempo contrapõe-se às palavras de Cervantes: a capacidade de esconder os “hilos que las escurecen y no se veen con la lisura y tez” depende do tradutor e não da distinção entre línguas “rainhas” e línguas “fáceis”.

Nos autores até agora considerados, individuamos alguns pontos em comum. Por um lado a recusa de uma tradução subalterna que envileça o original e a reivindicação de liberdade e autonomia com a relativa assunção de responsabilidade proporcional à erudição do tradutor. O que pressupõe por parte dele não só todas as ferramentas alistadas por Bruni e Dolet, mas também a perícia de entrar no texto original para o regenerar na língua e na cultura hóspedes que, por sua vez, ficam renovadas pela introdução de nova linfa.

Um encontro por consequência não só de respeito, mas quase amoroso, de um amor libertino, onde a “infidelidade”, amiúde censurada, se revela afinal não um pecado, mas uma virtude. Conceito perfeitamente sintetizado no aforismo do escritor italiano Gesualdo Bufalino (Comiso, 1920-1996), que foi também tradutor do francês, do espanhol e do latim: “O tradutor é sem dúvida o único autêntico leitor de um texto. Certamente mais do que o crítico, talvez mesmo mais do que o próprio autor. Dado que dum texto o crítico é apenas um galanteador voante, o autor o pai e o marido, enquanto o tradutor é o amante”²⁴.

²⁴ “Il traduttore è con evidenza l’unico autentico lettore di un testo. Certo più d’ogni critico, forse più dello stesso autore. Poiché d’un testo il critico è solamente il corteggiatore volante, l’autore il padre e marito, mentre il traduttore è l’amante”, G. Bufalino, *Il malpensante*, Bompiani, Milano, 1987.